



## XI Semana Acadêmica CCSE-UEPA:

AMAZÔNIA: PRESERVANDO A CULTURA E ESCREVENDO O FUTURO DA EDUCAÇÃO

# “Cruzando Fronteiras: O gestor preservando e valorizando a cultura nas relações internacionais”

**Minicurso de 6 horas apresentado  
por Jorge Lemos e Marcela Silva,  
alunos do 2º ano de Bacharelado em  
Secretariado Executivo Trilíngüe.**

# “Cruzando Fronteiras: O gestor preservando e valorizando a cultura nas relações internacionais”

Ministrantes: Jorge Lemos e Marcela Silva

Atualmente, falar de negócios não significa apenas tratar de valores, números e conceitos; significa **pessoas**, suas **particularidades** e suas **culturas**. A não-compreensão da **cultura** alheia já levou a guerras e conflitos afins e, em um mundo interligado pela tecnologia mais avançada, não há espaço para pessoas tão próximas tecnicamente e tão distantes humanamente.

Para tal, o **gestor** não deve só administrar; deve também considerar o meio e suas peculiaridades, preservar a **cultura local**, ao passo que a apresenta a outros povos transpondo a barreira dos idiomas, possibilitando um **intercâmbio cultural** bem-sucedido por meio das **relações internacionais e interpessoais**. E, a este intercâmbio, chamamos “**intercultural**”. E para compreender a **intercultural**, entendamos o que é “**cultura**”:

Segundo Edward Burnett Tylor, **cultura** é “o complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, morais, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” e ainda “as formas de organização de um povo, seus costumes e tradições transmitidas de geração para geração que, a partir de uma vivência e tradição comum, se apresentam como a identidade desse povo”.

Portanto, “**intercultural**” foi definida da seguinte forma por Giacalone (1998): “se a multiculturalidade pode ser a convivência entre grupos distintos, a intercultural é a possibilidade de um projeto, de uma troca, na qual existe a reciprocidade de olhares e de intenções, na qual se dá o confronto entre identidade/diferença”.

## **Texto 1: Imigração, problema sem solução à vista**

Sucedem-se nos Estados Unidos manifestações e boicotes de imigrantes contra restrições à entrada de trabalhadores estrangeiros e a expulsão dos ilegais, medidas em debate no Congresso. No passado dia 1 (que não é feriado nos EUA) dezenas de milhares de imigrantes não foram trabalhar, provocando perturbações em várias actividades económicas, desde as cadeias de *fast-food* aos serviços domésticos.

Foi uma forma inteligente de os imigrantes mostrarem que são indispensáveis à economia americana. Aí está o drama: a América precisa dos estrangeiros, mas a maioria dos americanos não os quer. O caso norte-americano é significativo por dois motivos. Porque os americanos têm uma tradição de integrar estrangeiros e porque a taxa de natalidade nos EUA é das mais altas do mundo desenvolvido.

País de imigrantes (os indígenas foram quase todos eliminados), os EUA têm sabido assimilar gente das mais diversas origens. Muitas vezes foi contraposta essa capacidade americana às dificuldades dos países europeus na integração de estrangeiros.

Na Europa, os distúrbios em França no Outono passado mostraram que tinha falhado o modelo de assimilação. Como os atentados de Londres, em Julho de 2005, indicaram o fracasso do modelo multicultural britânico: os terroristas haviam nascido em Inglaterra e estavam relativamente bem integrados na sociedade... Ora, pelo que agora se vê, os problemas norte-americanos com a imigração não serão, afinal, tão diferentes dos europeus. O célebre *melting pot* está em crise.

(...) Só que, desta vez, o afluxo de imigrantes é muito grande, sobretudo o proveniente da América Latina e em particular do México, que tem uma longa fronteira com os EUA. Um dos problemas é que o espanhol começa a fazer sombra ao inglês como língua falada nos EUA. Há inúmeros canais de televisão em espanhol. Bush, que até se gabava de falar espanhol, disse há dias

o que nenhum dos seus antecessores sentira necessidade de dizer: chamou a atenção para que a letra do hino nacional dos EUA é em inglês.

Ou seja, a identidade cultural dos norte-americanos começa a sentir-se ameaçada. Esse é um factor de rejeição dos imigrantes, 12 milhões dos quais estarão ilegais. Por outro lado, a taxa de natalidade nos EUA é relativamente alta. É muito superior à europeia. Entre os 35 países mais desenvolvidos do mundo, apenas nos EUA e noutros dois bem mais pequenos (a Nova Zelândia e a Islândia) as mulheres dão actualmente à luz um número suficiente de bebés para repor as pessoas que vão morrendo.

Pelo contrário, na Europa, e designadamente em Portugal, está em curso um autêntico suicídio demográfico. (...) O número médio de filhos por mulher portuguesa em idade fértil é hoje metade do que era há menos de 30 anos. Por isso não podemos passar sem mais imigrantes. Mas, apesar de uma demografia mais favorável do que a europeia, também nos EUA são necessários os imigrantes. Está em jogo uma questão de *status* social.

A grande maioria dos imigrantes vai fazer tarefas socialmente menos valorizadas que os americanos já não estão dispostos a executar. Daí que tenha escasso fundamento a ideia de que o imigrante rouba empregos aos nacionais e contribui para que os salários dos americanos não subam. Também em Portugal conhecemos o fenómeno. Há 50 anos, muitos milhares de portugueses emigravam para França (e ainda hoje emigram, por exemplo para Espanha) e aí aceitavam os mais duros trabalhos, a maioria na construção civil.

Mas, agora, nas obras em Portugal é difícil encontrar trabalhadores portugueses. E cada vez mais se vêem estrangeiros a servir nos nossos restaurantes - mas, se formos a Madrid, encontramos portuguesas a fazer esse trabalho. Veja-se Vila de Rei. Porque não foram viver para lá desempregados portugueses? Certamente porque não estavam dispostos a isso.

O problema da imigração parece, assim, a quadratura do círculo. Não tem solução à vista. Ou melhor, poderá vir a ter - quando os países pobres finalmente se desenvolverem e os seus nacionais já não precisarem de emigrar. Mas quem executará, então, as tarefas consideradas humildes nos países ricos?

*Francisco Sarsfield Cabral, Jornalista português*

## **Texto 2: A Francofonia**

O mundo inteiro comemora, no dia 20 de março, o dia internacional da francofonia, uma ocasião para celebrar a língua francesa, grande laço que não une somente 170 milhões de locutores recenseados pelo mundo, mas, também, 710 milhões de pessoas que vivem nos 63 Estados e governos da Organização Internacional da Francofonia (OIF).

(...)

Apesar de que a França é a terra natal da língua francesa, e de que além disso, ela divulgou e impôs o idioma por onde pôde, não é admitida como a “proprietária” dela (...) a francofonia é pluralista e moderna, está engajada na realidade mundial e disposta a contribuir e a enfrentar o desafio da paz e da diversidade. A importância de se comemorar a data, é, sobretudo, para que esses pontos não sejam omitidos, e que se divulgue os valores francófonos, bem como sua visão de mundo.

Considerada como ambígua, a Francofonia é difícil de ser definida. Os franceses sempre acharam natural que sua língua materna fosse amplamente divulgada, pois consideram-na necessariamente universal em oposição a anglo-americana, que seria a língua global. Entretanto, nossa realidade brasileira questiona essa posição. Graduei-me em Letras – Francês e inúmeras vezes tive que responder porque o escolhi, qual o interesse, e porque não o inglês.

Isso chegava a ser incômodo. Passei toda minha vida acadêmica questionando-me e tendo que responder a essas interrogações. Defendia-me dizendo que gostava, achava bonita, e até mesmo que era chique falar a língua de Balzac, e essa era a resposta mais aceitável, no entanto, sempre foi difícil convencer alguém.

O fato é que os brasileiros, em geral, não acreditam que tal língua possa ser utilíssima. Isso se dá ao fato dela ser algo distante, nada próximo como o inglês: não se ouve músicas francesas nas rádios; não vemos muitos filmes no idioma; a atualidade francófona não é suficientemente divulgada nos jornais, salvo algumas coisas indispensáveis. Enfim, existe no Brasil, uma grande divulgação americana (nem, mesmo, inglesa) que sufoca qualquer outra língua, mesmo o espanhol, falado por todos os nossos vizinhos.

Entre perdas e ganhos, prós e contras, os lingüistas podem afirmar que quanto mais idiomas e culturas conhecemos, melhor nosso desempenho mental e intelectual. Depois de algum tempo dentro da Universidade, eu passei a responder com outra pergunta: - Porque não o francês? E era assustador ver que a maioria das pessoas não tinha uma resposta clara e convincente.

(...)

A palavra "francofonia" debutou em 1880, por Onésime Reclus, em seu livro *France, Algérie et colonies* (França, Algéria e colônias), e designava o conjunto das populações que falavam francês. Eram aceitos como francófonos todos os que parecessem destinados a permanecer ou tornar-se "participante" do idioma. Foi em 1886, em sua outra obra, *La France et ses colonies* (A França e suas colônias), que o geógrafo deu a primeira estimativa do número de francófonos no mundo: 51,75 milhões.

Somente a partir de 1960 o termo tornou-se corrente, por influência dos movimentos pela independência. Em 1962, a revista "Esprit" consagra uma importante matéria sobre o "francês, língua viva", onde Léopold Sédar-Senghor definiu a francofonia como "*esse humanismo integral, que se costura ao redor da terra: essa simbiose das "energias dormentes" de todos os continentes, de todas as raças que se acordam ao seu calor complementar*".

(...)

Constatamos, querendo ou não, que a francofonia é um combate, mesmo nos países francófonos. Deve-se admitir que, entre os discursos oficiais sobre a universalidade do idioma, há um distanciamento político, e a francofonia é, antes de tudo, uma questão de vontade política. (...)

*Por Celuy Roberta Hundzinski Damásio*

*Doutoranda no Institut Catholique de Paris e Université Marne-la-Vallée*

### **Texto 3: Cooperação Internacional Investe na Agricultura Familiar**

Como combinar, numa Amazônia de população crescente, exploração econômica e equilíbrio ambiental? Esta pergunta, que há anos permeia as pesquisas sobre a região, está no centro de um programa internacional de cooperação científica entre Brasil e França, reunindo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), a Universidade Federal do Pará (UFPA) e o *Centre de Coopération Internationale en Recherche Agronomique pour le Développement* (Cirad). Em operação desde o início dos anos 90, o programa enfatiza o papel da agricultura familiar no desenvolvimento sustentável da região e investe, paralelamente, na formação de recursos humanos. Nesse contexto, formaram-se até agora cerca de 25 jovens pesquisadores (mestres e doutores), hoje responsáveis pela elaboração de novos projetos de pesquisa e pela continuação do programa.

Inicialmente voltado à gestão de pastagens e ao papel da criação bovina na dinâmica das frentes de imigração, o programa franco-brasileiro concentra-se, desde 1997, no estudo da viabilidade da agricultura familiar na Amazônia. "Viabilidade" aqui é definida como a capacidade de um sistema se reproduzir e resistir aos choques. Num sistema produtivo (agricultura, pecuária), isto implica em questões ecológicas, econômicas e sociológicas, em escalas que vão desde a fazenda ou pequena criação de gado até a região ou mesmo o planeta.

Foram definidos três eixos de pesquisa: a) recursos florestais (pastagens), b) explorações familiares e c) cadeia produtiva de carne na região. 'O Cirad contribuiu com seu conhecimento sobre a análise de sistemas de agricultura/pecuária familiar e a Embrapa trabalhou sobre as grandes fazendas. Com o tempo, a colaboração estreita entre as instituições permitiu que ambas

desenvolvessem *know how* nas duas áreas', explica Jean-François Tourrand, coordenador do projeto pelo lado francês. No caso da Amazônia, em que o (intenso) movimento de colonização dos últimos vinte anos envolveu uma população muito heterogênea (desde famílias muito pobres até grande fazendeiros) e práticas que levaram ao desflorestamento de grandes áreas, o objetivo do projeto é determinar como as unidades familiares podem se tornar viáveis ecológica, social e economicamente.

Uma questão central da pesquisa é como conciliar a atividade pecuária na Amazônia (que em breve pode vir a ser a primeira região em produção de carne bovina no Mercosul) com a exploração familiar. Uma pista para a solução do problema é o investimento em gado leiteiro. Atualmente, a Amazônia importa 80% do leite e derivados que consome, enquanto que a produção familiar local, associada a uma agricultura diversificada, poderia suprir boa parte da demanda. Outra ação importante, conforme enfatiza Tourrand, seria a plantação de árvores nos locais de pastagem, que ajudaria a reduzir o desflorestamento e poderia, inclusive, servir como uma fonte extra de renda para os proprietários de terra, tanto grandes quanto pequenos. Essencial é passar da pecuária extensiva para a intensiva. Mas isto só acontecerá, segundo o pesquisador, com a criação de zonas de proteção ambiental e a inclusão do custo ambiental no valor da terra, pois atualmente é muito mais fácil e barato desmatar 5 mil hectares de terra do que intensificar 50.

Finalmente, o sucesso e a durabilidade da agricultura familiar na Amazônia depende da regularização do estatuto da terra na região. Trabalhos comparativos feitos no quadro da pesquisa (foram estudadas duas regiões representativas e contrastantes: a região bragantina, próxima a Belém, e a região de Uruará, sobre a Trasmazônica) mostraram que há uma enorme diversidade de práticas, desde a subsistência até a diversificação ou especialização (sobretudo na produção leiteira). Em geral, o gado constitui uma fonte de alimentação e ao mesmo tempo de renda para as famílias. No processo de diversificação ele é associado a culturas de frutas e legumes e exploração de madeira. Muitas dessas práticas acarretam problemas ambientais, no entanto, qualquer ação de treinamento e capacitação dos agricultores e reforço da economia familiar depende da regularização propriedade da terra.

Os resultados da pesquisa Cirad/Embrapa/UFPA deverão estar disponíveis em breve no site do Cirad e da Embrapa. Paralelamente, quatro novos projetos internacionais sobre a mesma temática, com a participação do Cirad, estão em curso na região. O primeiro financiado pelo Programa Piloto do G7 e coordenado por parceiros brasileiros. O segundo com a Universidade da Flórida, sobre a relação entre a pecuária e o desflorestamento na bacia amazônica. O terceiro é uma cooperação entre Brasil e Alemanha sobre o papel da pecuária na agricultura. E o quarto, coordenado por parceiros brasileiros e financiado pela UFPA, trata da dinamização da produção leiteira nas empresas familiares.

<http://www.comciencia.br/reportagens/amazonia/amaz15.htm>

Em países árabes, mostrar as solas dos pés é um grande desrespeito. Na China, o ato de arrotar é um cumprimento ao cozinheiro. Na França, comer sanduíche de garfo e faca é uma obrigação. Brasileiros são considerados mais amistosos e maleáveis no dia-a-dia, ao passo que estadunidenses mal trocam beijos no rosto. **Intercultura** é não taxar um comportamento de "certo" ou "errado", e compreendê-lo ou, minimamente, respeitá-lo.

Saber trabalhar com tais dados é a base para qualquer **gestor** que deseja cruzar fronteiras sem recair nos erros apontados no texto 1, isto é, permitir que o **etnocentrismo** impeça que visualizemos a realidade da sociedade local e como as diferentes etnias se configuram nesse espaço e, mais especificamente, na realidade de um país multifacetado como o Brasil ou de uma região como a Amazônia.

O **etnocentrismo** é o mais forte obstáculo para a **intercultura**.

## Texto 4: Belém

---

A cidade de Belém é considerada o portal da Amazônia. Ocupa uma área de 51.600 ha, onde mais da metade representam ilhas. Partes baixas da cidade e das ilhas são inundadas diariamente pelas águas das marés, enquanto as zonas mais altas alcançam no máximo 14 m acima do nível do mar. Belém possui clima quente e úmido, com temperatura média de 26° C e umidade de 80 a 90% normalmente, e precipitação pluvial anual de 2500 a 3000 mm. A estação chuvosa é de dezembro/janeiro a maio e a seca de junho a novembro/dezembro.

Belém foi fundada em 12 de janeiro de 1616 pelo Capitão-Mor Francisco Caldeira Castelo Branco, quando foi construído (...) um forte de madeira, coberto de palha, denominado Forte do Presépio. Hoje lá se encontra o Forte do Castelo.

O forte teve a função de controlar a entrada da Amazônia pela foz do Rio Pará (que se comunica com o Rio Amazonas), defende-la dos conquistadores estrangeiros, principalmente franceses, ingleses e holandeses. (...) Belém cresceu timidamente, se afastando do litoral no século XVIII, e mais para o final do século começa a crescer sua população, em resposta à abertura do Rio Amazonas à navegação internacional e crescente importância do porto da cidade.

Belém viveu seu apogeu durante o ciclo da borracha, quando imigrantes nordestinos aumentam sua população. Para a época (virada do século XIX), Belém começa a assumir aspecto de grande capital, quando ruas eram calçadas com paralelepípedos de granito importado de Portugal, surgiam os grandes edifícios públicos, os serviços telegráficos através de cabos submarinos, a drenagem dos alagados do Reduto, o sistema de iluminação a gás e o majestoso Teatro da Paz. O mercado municipal, hospitais, quartéis, cemitérios, todos resultaram da pujança da economia da borracha, mas os subúrbios periféricos permaneceram até 1950 como simples aglomerados e o espaço rural quase que intocado, sendo fonte de produtos de extrativismo, lenha e carvão, e lugar para vivendas e retiros das famílias com poder.

Belém foi uma cidade portuguesa implantada na Amazônia. Apresenta ainda hoje bonitas áreas com arquitetura colonial antiga e belos prédios e monumentos, sobretudo religiosos, com arte barroca e eclética. Fazem parte desse patrimônio a Catedral Metropolitana de Belém, a Igreja do Carmo, o conjunto do Arcebispado e Igreja de Santo Alexandre e a Basílica de Nazaré, entre outros.

A cidade, como a Amazônia, passou pelo período rico do ciclo da borracha, viveu a cultura européia, com influência, sobretudo, portuguesa, francesa e inglesa, tendo como principal ícone da época o belíssimo Teatro da Paz (...). Depois veio a decadência da economia. Hoje Belém é um centro comercial regional, com poucas indústrias, algumas empresas comerciais de exportação, e sede de serviços públicos e forças militares do ar, terra e mar. (...) A cidade apresenta uma arborização única, tendo avenidas com mangueiras de 30 metros de altura, formando túneis verdes, o que lhe valeu o título de "Cidade das Mangueiras".

Além disso, Belém possui praças e parques que são freqüentados pela população, como a Praça da República, a Praça Batista Campos e o Bosque Rodrigues Alves. Mas a sua grande marca é o mercado Ver-o-Peso, onde a população compra o peixe, a carne, frutas, verduras, ervas medicinais, artigos de armarinho e artesanais, e alguns fazem também refeições. A população é de origem portuguesa, indígena e negra, secundariamente. O paraense é um povo moreno, onde a miscigenação dá uma característica muito própria e produz uma beleza ímpar. Tem uma grande alegria, expressa nas festas musicais e dançantes, que incluem temas com raízes no forte folclore regional. (...)

A culinária é excepcional pela sua variedade, com elementos europeus e indígenas, mais ou menos misturados. Apesar do calor da região, muitas comidas são quentes e apimentadas, com caldos de plantas regionais, como o tucupí, que é retirado da mandioca. As frutas, com sabores e

cheiros inconfundíveis e desconhecidos para pessoas de regiões não tropicais, podem ser saboreadas in natura ou como sucos e sorvetes de superior qualidade.

O artesanato encontrado em Belém e arredores é de origem indígena. Ele consiste em trabalhos em cerâmica e com fibras vegetais. A cerâmica é muito cultivada na vila de Icoaraci, situada a 15 km de Belém, onde são reproduzidos os motivos marajoaras, com alto e baixo relevo e cores fortes, em vasos, painéis, estatuetas, objetos diversos e utensílios em geral. (...) Com a fibra de juta, tururi, e outras são confeccionados cestos, peneiras, cadeiras, matapi (para pescar o camarão), tipiti (uma prensa indígena, ainda usada hoje na obtenção da farinha de mandioca e do tucupí), etc., com o miriti, uma madeira leve, fibrosa e trabalhável de palmeira, são feitos brinquedos, típicos da grande festa religiosa do Círio de Nazaré. A balata, que é uma bola de látex, deixa-se moldar em figuras, o cheiro-do-pará, feito com raízes de patichuli, perfuma as roupas. Há também o artesanato de couro, sobretudo para utensílios e apetrechos de fazendas.

<http://www.amazon.com.br/~gaia/gaia4.htm>

Cruzar fronteiras não necessariamente significa apenas nossa saída para outras partes, pode significar que nossas fronteiras foram cruzadas também. Tomando a cidade de Belém como base, são notórias suas estagnação e mudança na participação no contexto mundial. Ainda que reserve o título de “Metrópole da Amazônia”, a cidade que, na época da economia da borracha, era palco dos maiores e melhores espetáculos do mundo, no contexto do fim do século XX, estava sistematicamente destoadada das outras capitais brasileiras:

“Tem certas referências que são muito regionais mesmo. Pratos típicos, acidentes geográficos, personalidades, gírias. Mas alguns assumimos universais. Ainda mais nestes tempos globalizados, todo mundo conhece a mesma coisa, certo? Errado. Fato: 1992, fui pra Belém pela primeira vez ver quase toda a família do meu pai. Um dos primos, na época com 9 anos, voltou com a gente até São José e depois até Niterói. Entre outras coisas, ele não fazia idéia do que vinha a ser McDonald's. E olha que Belém já tinha mais de milhão de habitantes. Pra mim, mais surpreendente do que um dia ver Coca-cola trancada com cadeado na China.”

<http://guilherme.tipos.com.br/post-5658>

Devido à cultura dos “lanches de esquina”, há treze anos, Belém era considerada uma área imprópria para investimentos para empresas como a McDonald's ou a Pizza Hut. Apenas com a criação da “cultura de shopping”, advinda da chegada do Shopping Center Iguatemi em 1993, que a entrada de tais empresas passou a ser promissora.

E o ponto-chave a respeito de tal fato não se trata da entrada de tais empresas, trata-se sim da investigação, da análise e do planejamento executados para que tal entrada fosse realizada no momento propício; destacamos também a adequação de tais empresas à realidade local, por exemplo, a Pizza Hut de Belém oferece aos clientes pizzas de jambu com camarão e de cupuaçu.

Contudo, o mesmo não se pode dizer da qualificação dada aos funcionários: de acordo com nossas pesquisas em tais estabelecimentos, apesar da expressiva frequência de estrangeiros – atraídos por serem lugares já conhecidos no exterior – não há qualquer tipo de programa de qualificação em línguas estrangeiras. Entretanto, apontou uma funcionária do McDonald's, este é um quadro particular da cidade: ao sul do Brasil, há programas de incentivo/qualificação ao aprendizado de línguas estrangeiras, especificamente inglesa e espanhola, para os funcionários da rede.

Mas essa absorção do estrangeiro, claramente, não deve ser observada apenas em multinacionais. Como descrito no texto 3, o campo das ciências também é amplamente beneficiado, bem como região e população envolvidas, perfeitamente exemplificado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, que foi criado em 6 de outubro de 1866, pelo naturalista Domingos Soares Ferreira Penna. Nasceu com a finalidade de ser uma instituição de pesquisa na região Amazônica, com a responsabilidade em formar acervos científicos, documentar e difundir conhecimentos.

Suas atividades de difusão científica objetivam disseminar e divulgar os conhecimentos científicos produzidos sobre a Amazônia, e um esforço para fazer do intercâmbio pesquisa-comunidade um eixo importante na contribuição do saber científico para a melhoria da qualidade de vida da população, produzindo conhecimento científico em diversas áreas, como em Botânica, Zoologia, Antropologia, Arqueologia, Ecologia, Lingüística e Ciências da Terra.

Entretanto, nada do que foi dito sobre o respeito à cultura alheia é válido se esquecermos da nossa, do nosso patrimônio e de que também temos muito a oferecer, além de nossas reservas naturais, temos conhecimento e potencial.

### **Texto 5: Ser brasileiro**

---

Somos um povo *sui generis* em vários aspectos. Alguns ditados populares têm lá a sua razão de ser. Aqui há "leis que pegam" e "leis que não pegam", depende de a quem se aplica. A rigidez da letra fria da lei esbarra no "jeitinho brasileiro", no "favor", no quebra-galho.

Sérgio Buarque de Hollanda aponta algumas características de nossa formação social no clássico "Raízes do Brasil". Somos um povo cordial e intimista. Em que outra nação conhecem-se as pessoas pelo apelido diminutivo, inclusive após o honorífico, como por exemplo: "Seu Luizinho", "Dona Candinha"...

Até alguns santos merecem tratamento informal, como Santa Terezinha e o Menino Jesus por exemplo.

O transplante de uma sociedade ibérica para a América Latina trouxe algumas peculiaridades e singularidades. Após mais de 600 anos de dominação islâmica, o machismo impera ainda hoje nas sociedades de origem ibérica.

A necessidade da implantação da mão-de-obra escrava esculhambou com o valor do trabalho braçal. A nobreza decadente ou a emergente burguesia lusitana não queria sujar as mãos com o rude trabalho e esmerou-se nas atividades do espírito ou mesmo no *dolce far niente*.

Numa comparação com os povos do norte - notadamente canadenses e estadunidenses - a nós é apodada a alcunha de "semeadores", enquanto que aqueles povos são os "ladrilheiros". Semeamos a terra, semeamos cidades, mas nosso cuidado com o esmero dos detalhes do acabamento e manutenção fica a léguas de distância... A nosso favor o fato de a sementeira produzir fartos frutos, proporcionando trabalho por muito tempo junto à lavoura. Quanto ao ladrilhador, após concluído o trabalho de construção, o dever é partir para o próximo.

O brasileiro é cordial e amigo, a ponto de empresários europeus, japoneses e norte-americanos ficarem estupefatos com o fato de precisarem antes de fazer negócio, firmar laços de camaradagem, tornarem-se amigos do empresário brasileiro como *conditio sine qua non*, para a realização no negócio. É que o brasileiro não consegue separar as dimensões do público e do privado. O empresário é o cidadão e a empresa e ser amigo da empresa apressa as negociações. Tal não se dá no Primeiro Mundo. A dimensão da amizade, da camaradagem, enfim, é completamente distinta daquela do mundo dos negócios. Por lá é correto afirmar, diferentemente de nossa prática: "Amigos, amigos, negócios à parte..." Não raro ouvimos histórias de pessoas que processam umas

às outras e, contudo, mantém excelentes e lucrativos negócios. Nos países do Norte não há a necessidade da amizade para a formalização de contratos profissionais lucrativos.

Afora isso há as diferenças regionais. No Rio de Janeiro, por exemplo, a praia simplifica a intimidade entre as pessoas (é complicado ser formal em trajes sumários, convenhamos!) e convida permanentemente a não esquecer a dimensão lúdica. Em São Paulo, ao contrário, a distância do mar e o burburinho da cidade convida à realização de negócios até mesmo em jantares elegantes, com pessoas adequadamente trajadas e coisas que tais.

De todo o modo o estudo das características do brasileiro fascina tanto que nem mesmo se sabe se conviria alterar-lhe as peculiaridades. Somos assim. Intimistas, respeitosos da lei desde que se saiba com quem é que está falando, espalhafatosos em nossas relações com as pessoas, falta-nos discrição e mesmo o senso de moralidade ridícula que chega à beira de levar ao impedimento um presidente por uma pequena infidelidade conjugal nos falta, pelo contrário. Em *terra brasilis*, Bill Clinton receberia aplausos e elogios, isso sim! Não pela política econômica que ele capitaneou e FHC obedeceu caninamente, mas pela habilidade em defender os interesses nacionais de seu país entre uma escapadela conjugal e outra.

Orgulho-me de ser brasileiro. Aqui são todos amigos e o adágio hindu que informa sermos todos como galhos da mesma árvore ou ondas do mesmo oceano não poderia encontrar eco mais fecundo e propício que em nossas plagas.

Falta-nos, claro, um único e solidificador movimento multitudinário, uma crença sólida em valores patrióticos, por exemplo. Neste sentido os desgovernos do FMI, sob FHC e Lula mostraram-se incompetentes para reavivar as raízes culturais do nosso civismo, estuprado pelo regime de exceção de 1964 -1982. Se naquele período, nos “anos de chumbo”, civismo era sinônimo de repressão ou concordância acrítica com o regime implantado à força, embora hoje vivamos a busca de restauração de valores patrióticos, fica-se na propaganda e a prática política a desmente tanto, a subserviência aos interesses econômicos de uma potência estrangeira, impedem nosso patriotismo de ir mais longe que à celebração de vitórias seleção brasileira de futebol – que aliás é uma invenção inglesa...

Precisamos muito viabilizar o surgimento de um mito novo, bem nos moldes do que propõem os assim chamados "profetas da nova era". Seguramente este mito novo deve conglomerar, como muito bem o enfatizam Joseph Campbell e Roger Garaudy, o que de mais sublime e elevado existe em todas as religiões, visões filosóficas e avanços científicos como este que me permite, de longe, temporal e espacialmente, estar em sua presença em qualquer parte do mundo...

*Lázaro Curvêlo Chaves*

## **Texto 6: A Amazônia é nossa!**

Durante debate recente em uma Universidade, nos Estados Unidos, o ex governador do Distrito Federal e ex-Ministro da Educação, Senador Cristóvão Buarque, foi questionado sobre o que pensava da internacionalização da Amazônia. O jovem americano introduziu sua pergunta dizendo que esperava a resposta de um humanista e não de um brasileiro.

Segundo Cristóvão, foi a primeira vez que um debatedor determinou a ótica humanista como o ponto de partida para a sua resposta:

“De fato, como brasileiro eu simplesmente falaria contra a internacionalização da Amazônia. Por mais que nossos governos não tenham o devido cuidado com esse patrimônio, ele é nosso.

Como humanista, sentindo o risco da degradação ambiental que sofre a Amazônia, posso imaginar a sua internacionalização, como também de tudo o mais que tem importância para a Humanidade.

Se a Amazônia, sob uma ótica humanista, deve ser internacionalizada, internacionalizemos também as reservas de petróleo do mundo inteiro. O petróleo é tão importante para o bem-estar da humanidade quanto a Amazônia para o nosso futuro. Apesar disso, os donos das

reservas sentem-se no direito de aumentar ou diminuir a extração de petróleo e subir ou não o seu preço.

Da mesma forma, o capital financeiro dos países ricos deveria ser internacionalizado. Se a Amazônia é uma reserva para todos os seres humanos, ela não pode ser queimada pela vontade de um dono, ou de um País. Queimar a Amazônia é tão grave quanto o desemprego provocado pelas decisões arbitrárias dos especuladores globais. Não podemos deixar que as reservas financeiras sirvam para queimar países inteiros na volúpia da especulação.

Antes mesmo da Amazônia, eu gostaria de ver a internacionalização de todos os grandes museus do mundo. O Louvre não deve pertencer apenas a França. Cada museu do mundo é guardião das mais belas peças produzidas pelo gênio humano. Não se pode deixar esse patrimônio cultural, como o patrimônio natural amazônico, seja manipulado e destruído pelo gosto de um proprietário ou de um País. Não faz muito, um milionário japonês, decidiu enterrar com ele, um quadro de um grande mestre. Antes disso, aquele quadro deveria ter sido internacionalizado.

Durante este encontro, as Nações Unidas estão realizando o Fórum do Milênio, mas alguns presidentes de países tiveram dificuldades em comparecer por constrangimentos na fronteira dos EUA. Por isso, eu acho que Nova York, como sede das Nações Unidas, deve ser internacionalizada.

Pelo menos Manhattan deveria pertencer a toda a Humanidade. Assim como Paris, Veneza, Roma, Londres, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, cada cidade, com sua beleza específica, sua história do mundo, deveria pertencer ao mundo inteiro.

Se os EUA querem internacionalizar a Amazônia, pelo risco de deixá-la nas mãos de brasileiros, internacionalizemos todos os arsenais nucleares dos EUA. Até porque eles já demonstraram que são capazes de usar essas armas, provocando uma destruição milhares de vezes maior do que as lamentáveis queimadas feitas nas florestas do Brasil.

Nos seus debates, os atuais candidatos a presidência dos EUA tem defendido a idéia de internacionalizar as reservas florestais do mundo em troca da dívida. Começamos usando essa dívida para garantir que cada criança do mundo tenha possibilidade de COMER e de ir a escola. Internacionalizemos as Crianças tratando-as, todas elas, não importando o país onde nasceram, como patrimônio que merece cuidados do mundo inteiro.

Ainda mais do que merece a Amazônia. Quando os dirigentes tratarem as crianças pobres do mundo como um patrimônio da Humanidade, eles não deixarão que elas trabalhem quando deveriam estudar, que morram quando deveriam viver. Como humanista, aceito defender a internacionalização do mundo. Mas, enquanto o mundo me tratar como brasileiro, lutarei para que a Amazônia seja nossa. Só nossa!”